

Prometeu Liberto — Trilogia Trágica em um drama satírico. A construção de um texto dramático e sua leitura espetacular

Marcos Antônio Alexandre (FALE-UFMG)

GT: Dramaturgia, tradução e contemporaneidade

Palavras-chave: Prometeu, drama satírico, texto espetacular

O mito de Prometeu sempre exerceu um certo fascínio sobre mim: o grande Titã, apresentado por Ésquilo como um rebelde contra a injustiça, a onipotência divina imagem apreciada pelos poetas românticos¹ que viram nele a encarnação da liberdade humana, e que leva o homem a enfrentar com orgulho o seu destino. Prometeu significa etimologicamente “o que é previdente”. O mito, além de sua repercussão literária e artística, apresenta também ressonância profunda entre os pensadores². Numa leitura “simplista”, simbolizaria o homem que, para beneficiar a humanidade, enfrenta o suplício inexorável, a grande luta das conquistas civilizadoras e da propagação de seus benefícios à custa de sacrifícios e sofrimentos.

Foi a partir desde encantamento prévio que, em 2006, a convite da professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa — coordenadora do “Programa Letras e Textos em Ação” do CENEX da Faculdade de Letras via Pró-Reitoria de Extensão —, aceitei coordenar o projeto “Prometeu Liberto”. Considero que levar a tragédia de Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, para o teatro não apresenta, em princípio, nada de novo, mas, transformar o seu enredo num drama satírico sim é algo inédito e que merece ser estudado. A possibilidade de contribuir para outras leituras do mito fez com que eu abraçasse a idéia de coordenar a montagem da tragédia de Prometeu, convertendo-a em um drama satírico. Como resultado da pesquisa, coordenada por Tereza Virgínia e sob a direção de Geraldo Octaviano — que pôde trabalhar conosco graças ao Programa Artista-visitante da Pró-Reitoria de Pesquisa — criou-se o texto *Prometeu Liberto — Trilogia Trágica em um drama satírico*, que foi apresentado na Serra da Piedade, na Olaria, na Faculdade de Ciência da Informação, integrando o VI SEVFALE e no Museu de História Natural da UFMG.

Por se tratar de um projeto acadêmico, o seu grande mérito foi possibilitar a realização de um trabalho transdisciplinar e interinstitucional, envolvendo pesquisadores dos cursos de Letras, Teatro, Música, Física, Geografia e alunos de distintas unidades da UFMG. Acredito que outro mérito relevante do projeto tenha sido o fato de o mesmo ter provocado reflexões de caráter transdisciplinares, estabelecendo um diálogo intertextual não só entre as letras e as artes performáticas, mas também entre essas artes e a música — o professor Ronaldo Cadeu da UEMG, assumiu a direção musical do espetáculo, compondo a trilha sonora que foi executada ao vivo, por alunos da UEMG e da UFMG, na Serra da Piedade e na Olaria, funcionando como o coro do teatro grego —; a geografia — do Cáucaso, que se estende pelo continente europeu e o asiático, à serra da Piedade, que faz parte do conjunto Serra do Curral, montanhas que se convertem na moradia do Titã —; a física — segundo Renato Las Casas, professor da UFMG, Prometeu é o nome de um satélite-pastor de

¹ como Goethe, que escreveu, em 1774, “Prometheus”, um pequeno poema de 8 estrofes sobre a lenda do herói.

² Pela negação à submissão divina, e por criar um personagem pronto para viver em liberdade sem nenhuma repressão, Goethe criou uma figura compatível com a ideologia de Karl Marx, que passou a considerar Prometeu como seu herói favorito. Além dos românticos, Prometeu também era um homem modelo de Marx. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu_(mitologia))

Saturno. Descoberto em 1990, foi assim nomeado pelo fato de “roubar fogo”, ou melhor, por exercer uma atração gravitacional sobre os anéis de Saturno. Todos esses aspectos foram retratados na montagem, que manteve o enredo mitológico do Prometeu, dando-lhe um cunho satírico.

O estudo da interação entre os elementos que fizeram parte da montagem — a partir da seguinte reflexão proposta por Pavis (1998: 87):

A passagem do texto à cena é das mais difíceis: quando o espectador assiste à criação do espetáculo, já é muito tarde para conhecer o trabalho preparatório do diretor; o resultado já está aí: um pequeno ser sorridente ou aflito, isto é, um espetáculo mais ou menos pronto, mais ou menos compreensível, no qual o texto não é senão um dos sistemas cênicos, junto dos atores, do espaço, do ritmo temporal. Portanto, já não é possível dar conta, através de uma descrição cronológica, dos fatos e gestos dos atores e/ou do diretor, pois a montagem, tal e como aqui a abordamos, é, de fato, a peça na visão sincrônica de todos os sistemas significantes cuja interação é produtora de sentido para o espectador.³

— é o que me possibilita analisar o texto espetacular. Na concretização cênica de *Prometeu* com vistas à produção de sua versão satírica, vários elementos tiveram que ser colocados em jogo para que o espectador pudesse reconhecer em cena o mito e entender a sua versão satírica.

O enredo se centra na figura de Prometeu — que se divide em três: Ardente, Acorrentado e Liberto —, que é acompanhado em sua saga trágica pelos Sátiros, pela Águia — que assume, junto com os Sátiros, os momentos de humor do espetáculo, concretizando assim o viés satírico —, Io, Hefesto, A força (Pandora), Oceano, Oceânides, Hermes e, principalmente, por Sileno que, com a ajuda de seu Assistente, é o responsável por guiar o espectador durante toda a encenação, podendo ser visto como um mestre de cerimônias, um narrador onisciente responsável por gerar todos os momentos de reflexão e de contextualização do enredo ao nosso momento de enunciação. Essa personagem se converterá no Prometeu Liberto no final da peça.

Geraldo Octaviano e o grupo envolvido no processo de montagem realizaram a concretização do mito a partir do espaço cênico. Posso afirmar que houve a preocupação de criar uma dramaturgia do espaço para a concretização do drama satírico de Prometeu. Cada encenação foi concebida para o lugar de encenação e, por sua vez, para um momento de enunciação específico — festas juninas, Copa do Mundo, eleições, problemas políticos e sociais —, sendo o texto adaptado para cada novo espaço. Para alcançar tal objetivo, buscou-se trabalhar com a idéia conceitual de vários *Prometeus*, que foram adaptados à dramaturgia de cada espaço e de cada momento das encenações. Assim, pode-se observar um:

- Prometeu Ar — encenação realizada no cume da Serra da Piedade, numa temperatura de 10 graus, mas com sensação térmica negativa. O Cáucaso, morada e prisão do grande Titã, é idealizado no espaço do teatro de arena da Serra, que se converte num grande teatro grego, como se o público estivesse voltando à época de Ésquilo, só que, aqui, ele chega ao teatro de veículo e não caminhando como acontecia com os gregos. No entanto, a sensação pode ser considerada como próxima ao que se era esperado, pois o

³ Original em espanhol, tradução minha.

público esteve muito agasalhado, com luvas e gorros para se proteger do frio, vendo-se e sentindo-se “embriagado” pela fonte dionisíaca anunciada por Sileno.

- Prometeu Terra — o espaço agora é uma Olaria desativada. O que leva a encenação para as “profundezas da terra”, o reinado de Hades, paradoxalmente, a antítese da montanha, que nos aproxima do céu.
- Prometeu Água — na impossibilidade de encenação num espaço em que a água proviesse de fonte natural (rio ou mar — reino de Oceano), o lugar escolhido é o pátio interno da Escola de Ciência da Informação, pois ali existia um lago artificial, onde a personagem foi agrilhoadada.
- Prometeu Ecologia — concretizado no teatro de arena dentro de mata do Museu de História Natural, onde o universo cênico é composto por árvores (reino de Pã), plantas, vegetações de diferentes espécies.

Para corroborar o exposto, retomo alguns trechos para demonstrar a diferenciação entre as falas de Sileno utilizadas na abertura de cada apresentação, visto que as mesmas foram adaptadas para cada espaço.

Serra da Piedade:

SILENO — Aqui, no alto dessa serra, temos uma fonte de água que, além de matar nossa sede, nos dá a possibilidade de vivenciarmos algo muito curioso, talvez uma alucinação, um delírio ou, quem sabe, um sonho, Um Sonho de Uma Noite de São João! Na realidade essa fonte não é uma única fonte, é uma mistura de três outras cada qual com suas características: A fonte do Sátiro, a fonte de Pã e a fonte do Sileno. [...]

Senhoras e Senhores, Eis-nos chegados aqui, aos confins do mundo, uma região de desértica desolação.

ASSISTENTE — um lugar perfeito pra uma prisão!

SILENO — Estamos em Itaberabuçu, Grande Pedra Brilhante, na língua de antigos habitantes, Itaberabuçu, Taberabuçu, Saberabuçu, Sabará!

ASSISTENTE — Gente, mas não era Caeté?

Olaria:

Senhoras e Senhores, Eis-nos chegados aqui, aos confins do mundo, no meio de uma mata virgem: “Walden ou a vida nos bosques”, prestes a embarcar em uma “Viagem ao Centro da Terra”.

ASSISTENTE — um lugar perfeito pra uma prisão... um porão!

SILENO — “Nos porões da ditadura!”

ASSISTENTE — Candidatura? Se eleito for...

SILENO — Estamos no interior da Fazenda Dalva: Curral Del Rey!

ASSISTENTE — Gente, mas não é Estação Ecológica da UFMG?

Escola de Ciência da Informação:

Senhoras e Senhores, Eis-nos chegados aqui, aos confins do mundo, no meio desse lago do conhecimento, prestes a embarcar em uma Viagem por mares nunca d’antes navegados. [...]

SILENO — Senhoras e Senhores, estamos no pátio da Biblioteconomia!

ASSISTENTE – Gente, mas não é Escola da Ciência da Informação?

SILENO — Hoje, Ciência da Informação!

Museu de História Natural:

Senhoras e Senhores, Eis-nos chegados aqui, aos confins do mundo, no meio de uma mata virgem: “Walden ou a vida nos bosques”, prestes a embarcar em uma “Viagem ao Centro da Terra”.

Esses fragmentos demonstram o cuidado e o desejo de adaptar e reconcretizar o texto para cada novo espaço cênico em que ele foi apresentado. Seguramente o resultado apresentou alguns problemas, pois tivemos que lidar com um orçamento apertado e com alunos-atores, sendo que alguns não tinham experiência prévia no teatro.

A partir dessa breve leitura dos aspectos cênicos que compuseram o texto espetacular *Prometeu Liberto — Trilogia trágica em um drama satírico*, procurei demonstrar como a obra de Ésquilo foi concretizada à nossa contemporaneidade. Pavis nos alerta que:

Se a cultura é definida como apropriação semiótica da realidade social, sua tradução a outro sistema semiótico não apresentará problemas desde o momento em que se tenha proposto uma relação de *interpretancia* [*interpretance*] (Benveniste, 1974: 61). A dificuldade para estabelecer essa relação de *interpretancia* se apóia em estimar a distância entre cultura de origem y cultura de destino e em decidir sobre a atitude que se tem que adotar ante a cultura de origem. Mas essa decisão não é de ordem técnica: envolve uma completa visão sócio-política da cultura. Sempre se soube adaptar um texto proveniente de uma cultura estrangeira a outra cultura. Entretanto, durante um longo tempo, essa adaptação só foi concebida em termos históricos, políticos, ideológicos, e não dentro do conjunto de uma cultura e de um traslado cultural. (1994: 122, grifos do autor)⁴

Julgo que a concepção cênica de direção tenha conseguido realizar a concretização do mito para o drama satírico e isso se deu a partir de uma proposta de tradução intercultural. A proposta espetacular e a adaptação textual foram concebidas “em termos históricos, políticos, ideológicos” e também “dentro do conjunto de uma cultura e de um traslado cultural” como sugere Pavis. Acredito que o resultado alcançado nos possibilitou fazer uma análise do contexto cultural⁵, uma das necessidades que, a meu ver, torna-se fundamental na análise dos textos dramáticos visando a sua realização espetacular.

⁴ Original em espanhol, tradução minha.

⁵ Aqui empregado a partir dos dizeres de Marco De Marinis (1997: 24): “O contexto cultural (ou geral) é constituído pela cultura sincrônica ao fato teatral que se estuda, e, com uma precisão maior, representa o conjunto dos ‘textos’ culturais, teatrais, extrateatrais, estéticos e outros, que podem se relacionar com o texto espetacular de referência, ou com um de seus componentes: outros textos espetaculares, textos mímicos, coreográficos, cenográficos, dramaturgicos, etc., de um lado; textos literários retóricos, filosóficos, urbanísticos, arquitetônicos, etc., de outro.” (no original, em espanhol.)

Bibliografia:

DE MARINIS, Marco. *Comprender el teatro – Lineamientos de una nueva teatrología*. Buenos Aires: Editorial Calerna, 1997.

PAVIS, Patrice. *A análise dos espetáculos*. Tradução de Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, 2003.
_____. *El teatro y su recepción – Semiología, cruce de culturas y postmodernismo*. Selección y traducción: Desiderio Navarro. La Habana: UNEAC, Casa de las Américas, Embajada de Francia en Cuba, 1994.

Prometeu Liberto — Trilogia Trágica em um drama satírico. 2006 (não publicado).

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prometeu_(mitologia)). Acessado em 19 de março de 2007.